

**INTRODUÇÃO:**

Em minha vida, coloquei as descrições de pedras, paus e bolas numa caixa ... e as deixei ali. Na outra caixa coloquei coisas vivas: caranguejos, pessoas, problemas sobre o belo ...

GREGORI BATESON

Ao longo de sua história, o homem desenvolve dois procedimentos distintos para tentar compreender sua existência: através da ciência, tenta analisar e explicar o mundo material; através da religião e de suas crenças e mitos, busca sua “*identificação emocional inconsciente*” com os fenômenos naturais que, à medida que a ciência evolui, perdem suas implicações simbólicas.

“O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem e o homem não se dirige a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou-se o seu contrato com a natureza e, com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava.” (JUNG, s/d: 95)

À medida que domina a natureza, o homem deixa de acreditar em fórmulas mágicas e as substitui por uma nova crença: a *lógica e a razão científica*, que tudo pode explicar. Ao mesmo tempo em que sua *consciência civilizada* (JUNG) afasta-se dos seus instintos básicos, seus novos *templos* tornam-se símbolos de afirmação de domínio sobre a natureza; o homem inicia uma ação predatória sem precedentes que ameaça sua própria existência e do planeta, justo no momento em que alcança seu mais alto grau de desenvolvimento científico e tecnológico.

Gradualmente, abandona seus hábitos e valores, depurados ao longo de milênios de civilização, e passa a construir um ambiente desprovido de identidade, fruto do predomínio da lógica econômica e ordenado pela “racionalidade” do planejamento, destruindo hábitos e valores culturais seculares em nome do “progresso” e do “desenvolvimento”.

Neste contexto, o bioclimatismo surge, a partir dos anos 60, em meio a diversos movimentos de contracultura que modificaram os padrões comportamentais, para consolidar-se como promissora alternativa aos problemas ambientais ocasionados a partir das duas crises do petróleo. À medida em que a energia passa a ser considerada uma das principais variáveis do desenvolvimento e que aumenta a consciência ambiental, os países industrializados priorizam investimentos em pesquisa e produzem consideráveis avanços no campo da conservação de energia e nas técnicas projetuais, que passam a ser denominadas *conservativas*.

Apesar dos inegáveis acertos e conquistas proporcionados pelos movimentos conservativos, sua disseminação é dificultada pela resistência oferecida pelos próprios arquitetos, pelos construtores e até mesmo pelos ocupantes dos edifícios, que continuam seduzidos pelas idéias de modernidade e desenvolvimento veiculadas através da mídia e seguem construindo seus *monumentos da irracionalidade*. Buscar alternativas possíveis para este “desvio” de conduta é a questão primordial deste trabalho, que parte de duas hipóteses complementares:

HIPÓTESE 1: a arquitetura da *consciência civilizada* esqueceu-se de sua principal finalidade ética — facilitar e tornar mais confortável a vida do homem sobre a terra.

HIPÓTESE 2: a rejeição aos princípios e recomendações bioclimáticos é, em parte, consequência da própria prática dos *pesquisadores do conforto*, prisioneira [...] *de uma racionalidade científica neutra, destinada a destruir o que não pode compreender e contra a qual deveriam ser defendidas as questões e as paixões que dão sentido à vida humana* [...] (PRIGOGINE & STENGERS (1992: 20).

Estas hipóteses sugerem o reencontro de uma arquitetura que recupere o ambiente construído a partir de um enfoque mais preocupado com as coisas vivas e suas paixões do que com a racionalidade, sem, no entanto, deixar de ser científica,

- que integre arquitetura, percepção e conforto a partir das condições geográficas, culturais e econômicas peculiares de cada local sem considerar qualquer um deles como fundamental — enfoque *bootstrap* (multicritérios) — que, segundo Geoffrey CHEW, parte de uma rede interligada e igualitária de conceitos, que vão sendo explicados à medida que avança a autoconsciência global da rede de conceitos, levando a consciência humana ao que a seu *extremo lógico* (in CAPRA 1991: 49),
- que evite o simplismo ingênuo de considerar o problema resolvido através da simples modificação de procedimentos por parte daqueles que, efetivamente, estão preocupados com a questão ambiental e com a conservação de energia,
- que *funcione como se as pessoas importassem* (CAPRA 1991),  
pressupõe, em sua análise, a necessidade de considerar três diferentes cenários, dos quais os dois primeiros são originários de nossa *herança colonial* e o terceiro, da *tradição acadêmica*:

1º CENÁRIO: o hábito de valorizar somente produtos, hábitos, costumes e idéias importados, veiculados através do cinema, da grande imprensa e das publicações especializadas, movimentos

de vanguarda e modismos que são consumidos com avidez (e alguma dose de irresponsabilidade) por arquitetos e desejados, irrefletidamente, pelo imaginário coletivo dos consumidores.

2º CENÁRIO: a omissão do poder instituído na definição de políticas e diretrizes públicas que busquem a produção de edifícios dotados de [...] *ambientes interiores confortáveis gastando o mínimo de energia, utilizando apenas disposições puramente arquitetônicas* [...] (IZARD & GUYOT 1980: 7) e em maciços investimentos em programas de conservação de energia, acompanhados de campanhas de esclarecimento público desvinculadas de interesses eleitoreiros ou político partidários.

3º CENÁRIO: a inadequação curricular dos cursos de Arquitetura e Urbanismo brasileiros aliada ao despreparo de seus quadros docentes, com seu pretense “saber prático” fundado em uma *atualização* esteticista da composição — *subjetivismo intuitivo* (SILVA 1991) —, desprovido de regras, cânones e modelos. Este modelo “acadêmico”, implantado com o movimento modernista, dissemina uma [...] *combinação entre o futurista e o niilista, o revolucionário e o conservador, o naturalista e o simbolista, o romântico e o clássico* [...] (HARVEY 1993: 33), ainda hoje presente, baseado numa visão ingênua e “focalista” da realidade, que ocupa-se apenas com a morfologia do produto, negligenciando os aspectos essenciais do processo de projeção e os verdadeiros compromissos com a realidade — e com os homens concretos que nela e com ela estão —, com os novos desafios que o futuro apresenta.

Diante da impossibilidade de resolver estes problemas, de natureza estrutural, este trabalho procura, através de um *olhar fenomenológico* — que considera a percepção originária e parte principal do conhecimento humano — demonstrar que o ambiente construído é um *organismo* dotado de *sentido*, que participa de uma consciência do universo percebido onde, conforme analogia de R. D. LAING, a criação assemelha-se à formação das ondas: [...] *uma onda pode ser vista como uma entidade distinta e, no entanto, é óbvio que uma onda é o oceano e o oceano, uma onda. Não há nenhuma separação definitiva* [...] (LAING in CAPRA 1991: 88).

A exemplo da onda, o ambiente construído deve ser considerado parte indissociável de um universo vivo, que participa de uma *consciência do universo percebido* na qual o homem está inserido, adquirindo, assim, “vida” própria, na medida em que interage com os seus ocupantes, assumindo *formas de vida* variáveis conforme o uso que lhe é determinado.

Considerando que *conforto* significa ato/efeito de confortar(-se) ou estado de quem é confortado, a abordagem bioclimática deve pressupor que:

- a forma como os homens se relacionam com o ambiente nem sempre segue a lógica formal predominante no estudo do ambiente construído,
- o atendimento das condições físicas (objetivas) do conforto humano não assegura, *per si*, a percepção humana do conforto, e
- o foco da observação da arquitetura bioclimática precisa ser deslocado do *objeto* (edifício) para o *sujeito* (ocupante).

A exemplo da *Gestalt*<sup>1</sup>, a produção de um ambiente *confortável* precisa reconhecer as deformações sensoriais e perceptivas em relação ao ambiente, através do estudo da influência dinâmica dos símbolos e da cultura na percepção dos sentidos, que também variam segundo o *humor* da observação, expressando uma multiplicidade de *olhares*. As conformações [...] *subjetivas, imagens, impressões e crenças que as pessoas possuem do meio ambiente, as maneiras com que estas concepções surgem com a experiência, e as maneiras como afetam a conduta subsequente em relação ao ambiente* [...] (MOORE & GOOLEGE, in DEL RIO 1991: 127), indicam que o ambiente construído deve ser interpretado a partir de suas [...] *vozes “autônomas”, com suas regras, os seus estilos, as suas improvisações* (CANEVACCI 1993: 18).

A escolha do objeto a ser analisado — Edifício Centro Empresarial Internacional Rio (RB1) — deveu-se, fundamentalmente, a seu forte conteúdo imagético enquanto símbolo do pós-modernismo e da arquitetura *inteligente*, concebido com base em uma estética internacional.

O reconhecimento das limitações do método de observação “tradicional”, pressupõe a necessidade de desenvolver um novo *mapa contextual* que incorpore às observações “objetivas”, as diferentes percepções:

- da intenção projetual dos seus autores — proprietário, arquiteto e incorporador — através das leituras estética, funcional e imobiliária,
- do estudo comparado da concepção do edifício com as recomendações bioclimáticas;
- da pesquisa de opinião junto aos seus ocupantes — através da análise pós-ocupação por observação participante — com os condicionamentos culturais, físicos e psicológicos do *imaginário coletivo*, além do estudo dos efeitos da intervenção dos ocupantes.

---

<sup>1</sup> A *Gestalt* possibilitou comprovar que a percepção visual produz ilusões ou deformações (exemplos de figura-fundo, etc.).

Este procedimento possibilita compreender e relacionar os diferentes significados e contradições do edifício, inseridos nos discursos de seu entorno e da cidade.

Para viabilizar este intento, o trabalho foi estruturado em dois capítulos:

O CAPÍTULO I: Fundamentação Teórica - analisa, a partir de uma visão *fenomenológico-ecológica*, (a) a *fisiologia dos sentidos* e a *percepção* (humana) *do ambiente*; (b) o ambiente externo a partir do conceito de *clima* e *clima local urbano* e (c) o abrigo — proteções desenvolvidas pelo homem para defender-se do clima e do ambiente.

O CAPÍTULO II: Estudo de Caso - englobando (a) *caracterização do objeto do estudo* (descrição e análise do *clima local*, contextualização histórica do sítio e do edifício); (b) *análise pós-ocupação por observação participante do edifício* (entrevistas, questionário para avaliação pelos ocupantes, levantamento dos problemas operacionais, das melhorias realizadas após a inauguração do edifício; análise das imagens do recinto urbano e do edifício transmitidas através da literatura e da imprensa; medições, descrição e análise dos ambientes internos do edifício); (c) *análise bioclimática* (aplicação de instrumentos de avaliação: diagrama de síntese bioclimática, quadros de Mahoney, quadros de recomendações bioclimáticas e (d) *abordagem bootstrap*, restrita aos aspectos bioclimáticos em função das (e) *limitações da metodologia*.

Por fim, nas Conclusões, são resumidas as principais *descobertas* explicitadas no trabalho e aplicadas ao Estudo de Caso.

A complexidade, interdisciplinaridade e as próprias características da abordagem proposta, que utiliza diferentes pontos de vista, com suas regras e estilos próprios, recomenda que, em lugar da descrição formal e destacada da metodologia, esta seja inserida e justificada ao longo do texto e na medida das necessidades.

“A lógica formal é um instrumento muito elegante, e fizemos bom uso dela nesses últimos dois mil anos. O problema é que, quando aplicamos aos caranguejos e às tartarugas, às borboletas e à formação do hábito ... Bem, para todas essas coisas lindas a lógica simplesmente não serve.”

GREGORI BATESON